

UMA LEITURA DO CONTO *OS GESTOS* DE OSMAN LINS

MARIA DO SOCORRO CARVALHO

(Doutoranda DINTER UFRJ/UEMA)

O que se propõe nesse estudo é a leitura do conto *Os gestos*, que dá nome ao livro, composto de treze contos, publicado em 1957, do escritor Osman Lins (1924 – 1978), um dos grandes escritores brasileiros do século XX. Nascido numa pequena cidade de Pernambuco, chamada Vitória de Santo Antão, onde inicia suas atividades literárias na década de 1940. Estreia no cenário literário na década de 1950, com o romance *O visitante* (1955). Escreveu romances, ensaios como *Lima Barreto e o espaço romanesco*, sua tese de doutoramento; teatro *Lisbela e o prisioneiro*, 1964; textos para TV; viagem e contos como os livros *Nove, novena*, 1966; *Os gestos*, 1957, com o qual ganha os prêmios Monteiro Lobato, em São Paulo, que concorria com o pseudônimo de André Bolkonski; e mais, o Prêmio Vânia Souto de Carvalho e Prêmio da Prefeitura de São Paulo.

Em 1961 publica seu segundo romance *O fiel e a pedra*, com uma temática variada, “dentre seus fatores organizacionais, capazes de garantir a relevância e adequação e também o ritmo e o crescimento narrativo, deve-se destacar o tratamento dado ao tema o silêncio” (SIMONS, 1999, p. 77).

Sua obra foi bastante premiada, pois participou de vários concursos literários, segundo Regina Igel (1988) nessa concorrência “o que lhe interessava, obviamente, era escrever, sendo os concursos uma das formas de aferição a que escritores costumam recorrer no início de suas carreiras” (p. 42). Traz renovação na linguagem, estrutura e temas. Privilegia de forma visível o tempo e o foco narrativo, e o discurso indireto com monólogo interior. Sobre ele, Afrânio Coutinho (2001) registra que:

A Osman Lins cabe um lugar especial no panorama atual da ficção brasileira. Nem o comodismo formal de Otto Lara Resende, nem o desregramento narrativo-semântico de Nélida Piñon condizem com a prosa introspectiva de *O visitante* (1955), *Os gestos* (1957) [...] (p. 572).

O mesmo deixou uma obra digna de merecer destaque entre os mais importantes escritores de sua geração, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Bosi (2004) diz que o autor, nessa fase já faz uma literatura madura e que apresenta sensibilidade para o intimismo, psicologismo e “ascendeu à fusão clima regional” e “sondagem interior” (p. 422).

No conto *Os gestos*, Osman Lins demonstra de forma sensível a condição do homem emparedado no limite do quarto, incapacitado, solitário e carente de afeto. A incomunicabilidade tem alterado as suas relações com a família e com o mundo. O personagem protagonista André, um homem velho, doente, exilado em si mesmo, contra o silêncio que o angustia e também o desprende, passa a manifestar-se somente através de gestos, às vezes, não entendidos. Ana Lúcia Andrade (1987) diz:

A procura dos personagens de *Os gestos*, sua luta contra a impotência, reflete a procura de seu autor, sua luta pelo gesto criador. Enquanto o gesto impotente denuncia a fragilidade humana na impossibilidade de exprimir-se à falta de palavras, o gesto criador perpetua a sua força, liberando-as no texto (p. 77).

Percebe-se que a afirmação sugere que o narrador seja portador dos desejos do autor. Mas a narrativa é desenvolvida por um narrador onisciente que ora se mistura à interferência do discurso indireto livre, como forma de estruturar e desenvolver o texto. Conforme Santos (2001) “Na literatura atual, a idéia de profundidade das personagens perde a primazia. Sobretudo porque se reconhece que toda personagem está subordinada à voz do narrador, é uma miragem projetada pelo olhar daquele que narra” (p. 30). É como se o narrador e um “eu” se aproximem e conservem a afetividade e expressividade própria do discurso direto. Essa estrutura é característica da literatura contemporânea, a partir de 1945, a exploração do fato de que a personagem literária é um produto puramente da palavra, criado pelo narrador a quem deu total autonomia para a sua expressão.

No texto lido, André é um homem que fez do silêncio sua linguagem dentre a estranheza dos acontecimentos externos “Do leito o velho André via o céu nublar-se, através da janela, enquanto as folhas da mangueira brilhavam com surda refulgência, como se absorvessem a escassa luz da manhã. Havia um segredo naquela paisagem” (LINS, 1994, Os gestos, p. 11). O narrador faz um mistério envolvendo a paisagem exterior não vista e passa a palavra, o lamento, repentinamente “E eu não o posso exprimir” (OG, p. 11). Estava sereno e envolvido pelo bem-estar. Habitou-se a ouvir os sons ao redor, dentro e fora da casa. Os resmungos da mulher e o desespero das filhas, mediante a sua mudez, e desinteresse pelos seus gestos, que não eram lidos.

André encontrava-se derrotado desde que perdera a voz. “Para sempre exilado” (OG, p. 11), era assim que se sentia. Exilado em si mesmo, sem retorno aparente. A ausência da comunicação envolve até o ambiente habitado por ele. Na família todos demonstram a irritabilidade por tanta lida e a permanência de visitas, como a do amigo (como a um filho perdido), Rodolfo “Queria abraçar o recém-chegado e, quando este se aproximou, ele não conteve o impulso: estendeu os braços e o reteve junto a si, emitindo em gemido nasal, a suportar uma onda de felicidade transbordante, cujos motivos desconhecia” (OG, p. 12). O Contato físico pode ser uma demonstração de aproximação e vínculo comunicativo. O abraço funciona como manifestação de carinho entre os seres.

Parece não haver diálogo na casa, cada um falava para si. É o que se pode dizer, isolamento, desesperança e abandono. A estranheza do ambiente, frio, compara-se a de um velório, o próprio André manifesta-se interiormente “Minhas palavras morreram, só os gestos sobrevivem. Afogarei minhas lembranças, não voltarei a escrever uma frase sequer. Igualmente remotos os que me ignoram e os que me amam. Só os gestos, pobres gestos...” (OG, p. 11). A reação das pessoas era a mesma diante daquele quadro.

Segundo o narrador, o protagonista preferia essa situação “Nunca mais” (OG, p. 11). Era a sua decisão “Esquecer todas as palavras. Resignar-me ao silêncio” (OG, p. 11). André constrói-se solitário, numa linguagem específica, a dos gestos. Não quer saber dos membros da família “Veio-lhe então o desejo de estar só, sem aquelas presenças inúteis, escorraçou-as com um gesto brutal e deitou-se” (OG, p. 13). Eram as

mulheres da casa, queriam ouvi-lo, mas a inexistência da palavra, inviabilizava qualquer possibilidade de diálogo.

Na tecitura dessa trama evidencia-se a força do narrador que indiretamente conhece o pensamento do personagem manifesto. A memória ainda é aliada para a continuação da narrativa. Mas “Quando seria a morte da memória?” (OG, p. 13), indaga André. Deixa quase explícito a vontade de estar realmente morto. Não pertencer àquele lugar na casa. Nem na vida daquelas pessoas, como um estorvo. Só é feliz quando se lembra de fatos do passado. Mas todos só vivem em função dele. Como diz o narrador “Afastaram-se os passos, confusos, entrelaçando-se como os fios de uma trança. Mariana, Lise e a mulher fundiram-se numa sombra vaga dispersaram-se e mergulharam na chuva, que as dissolveu” (OG, p. 13). Era uma ameaça mútua. Uma aflição mútua.

O tempo é indeterminado, ora é passado, ora presente. O personagem até pensa, por um momento, voltar a ser como antes, mas acha impossível esse retorno. A solidão profunda o retém prisioneiro. Nega-se a viver o presente. Também não tem perspectiva de futuro. Somente Rodolfo tinha esperança, mas ele: “Todos já aceitaram a nudez como um fato consumado [...] Eu não tenho ilusões, mas desejaria que eles, pelo menos... Consumado” (OG, p. 14). Só pensava na sua nova forma de manifestar seus sentimentos e sua existência, os gestos.

As filhas atribuíram os gestos ao retorno à infância, que não fala “- Papai agora virou menino” (OG, p. 15). O narrador confronta dois tempos: um passado, da juventude de André, o da infância e adolescência das filhas, e a do presente, da sua contemplação, preso a paisagens da sua criação, que é percebida pelo narrador onisciente “A chuva anunciada chegou, banhando o arvoredo invisível; alguém correu na calçada, as primeiras gotas bateram na janela, ressoaram nas telhas” (OG, p. 15). A estratégia de recorrer à memória, aos acontecimentos vividos, assegura-lhe, de certa forma, uma maneira de convencer o leitor sobre a permanência do personagem. Mas André cria o cenário que quer ver de olhos abertos ou fechados:

Do silêncio que se fizera em seu espírito, ele sentiu, à maneira de reflexo que abandonasse um espelho, destacar-se um outro ser, ligado aos seus sentidos, mas alheio às paredes. Modelou toda à copa da árvore semi-invisível, o tronco, a inchação das raízes; as pedras úmidas; além; outras folhagens, um telhado escuro, a erva rola junto ao muro rachado – coisas fugidias, a fasciná-lo com sua consistência de sonho. Fechou os

olhos, isso não alterou a contemplação. Com aterrorizada alegria, sentiu-se disperso, livre na vastidão da manhã (OG, p. 16).

O homem cria o seu mundo para nele viver, existir. Esta é a forma de escrever de Osman Lins em quase todos os seus contos. Intelectual, procura dar à sua obra uma adequação ao trabalho com o significante. A palavra, o discurso como forma expressiva tem prioridade. O discurso indireto apresenta bem o estado emocional e subjetivo dos personagens, apesar de separar suas manifestações na narração. A negação da linguagem articulada, enquanto facilitadora, em demonstrar a realidade não se dá no texto. A inacessibilidade de André é tanta que não é possível nem demonstrar suas emoções escondidas. O personagem (eu) considera esse limite entre ele e os outros “não posso dizer” (OG, p. 11). Os gestos são suficientes mediante tantos sentimentos? É o que criou como forma de linguagem para enganar a si mesmo “só os gestos, pobres gestos...”

O abraço apertado em Rodolfo, com toda a expressão do seu ser “... André continuava a estreitá-lo, gemendo...” e o “... olhar indecifrável da esposa” e a expressão do amigo “... o rosto móbil oscilava entre a gravidade e o riso, detendo-se às vezes a olhá-lo entre apreensivo e cismático...” (OG, p. 12). Um instante de leveza essa presença proporcionava-o, vestia branco, sorridente, falador, contrastava com o vestido escuro e a frieza vigilante da mulher. Rodolfo era a representação do mundo, o viço, “lembrava um marinheiro, sua presença tinha uma amplitude de viagens” (OG, p. 12). Desiludido, André buscava algum prazer nas lembranças do passado, de estar próximo da filha, nos gestos dela “se entregou àquele prazer que não estava só no alimento, mas na curvatura da filha, no modo como os dedos finos se moviam e no riso que ele sentia pairar, fugidio, em algum ponto do rosto apreensivo” (OG, p. 14). A incompreensão da família transforma-se em medo. Como um Gregor Samsa, protagonista de *A metamorfose* de Kafka, se submete ao estágio de degradação. Só os gestos representam a linguagem. Criava o cenário que queria ver de olhos abertos ou fechados. Fechava os olhos para ver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A. L. *Osman Lins: crítica e criação*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.

IGEL, R. *Osman Lins: uma biografia literária*. São Paulo: T. A. Queiroz; [Brasília, DF]: INL, 1988.

LEITE, L. C. M. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 2001.

LINS, O. *Os gestos*. São Paulo: Moderna, 1994.

SANTOS, L. A. B./ OLIVEIRA, S. P. de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SIMONS, M. *As falas do silêncio em O fiel e a pedra de Osman Lins*. São Paulo: Humanitas, 1999.